

PEDRO BANDEIRA

O primeiro amor de

Laurinha



Ilustrações Osnei

 **MODERNA**

PEDRO BANDEIRA

O primeiro amor de

Laurinha



Ilustrações Osnei

 **MODERNA**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



PEDRO BANDEIRA

O primeiro amor de Laurinha

Ilustrações OSNEI

 MODERNA

DE ACORDO COM
AS NOVAS
NORMAS
ORTOGRAFICAS



1.

Adivinhe a palavra

Ai, recreio com chuva...

E como chovia! Os alunos protegiam-se do temporal apertando-se debaixo do galpão que cobria parte do pátio da escola. Nem havia espaço suficiente para uma boa queimada. Brincadeiras com bola ou de correr, então, nem pensar.

Todo mundo falava ao mesmo tempo, e a pobre dona Iracema, a bedel, ficava tentando impedir que a turma saísse da cobertura, como se fosse possível ficar cercado uma ninhada de pintinhos que quer fugir pela porta aberta do galinheiro.

Foi Laurinha quem encontrou uma solução divertida para aquela meia hora:

— Gente! Vamos brincar de “Adivinhe a palavra”?

— Que brincadeira é essa, Laurinha? — perguntou Leo.

— É muito fácil. Um de nós pensa em uma palavra. Daí, os outros vão fazendo perguntas para tentar descobrir qual é a palavra. E a pessoa só pode responder “sim” ou “não”. Mas tem uma coisa: não se pode usar o verbo *ser* para perguntar.

Patrícia foi se juntando à roda:

— Como assim?

— Não se pode perguntar se a palavra “é” isso ou “é” aquilo. Se alguém perguntar, por exemplo, “é bicho?” e a palavra que a pessoa pensou não for *bicho*, quem perguntou sai do jogo. Entenderam?

— Não — confessou Toco, que custava para entender as coisas.

— Quem pergunta tem de dar um jeito de não usar o verbo *ser* de jeito nenhum, Toco — explicou Laurinha. — Invente uma maneira diferente de perguntar, do tipo “Vive como bicho?”, em vez de “É bicho?”. Entendeu agora?

— Não.

— Deixe pra lá. Você vai entendendo com a própria brincadeira.

— E como é que acaba? — perguntou Suelen.

— Quem achar que já adivinhou a palavra pode falar. Se acertar, fica sendo a próxima pessoa a pensar uma palavra. Se errar, tem de ficar caladinho o resto do jogo e não pode fazer mais nenhuma pergunta.

Toco quis saber mais detalhes:

— A gente pode pensar qualquer palavra?

— Qualquer uma, é claro!

— Legal! — aprovou Maíra. — Esse jogo eu já conheço e é muito legal. Quem começa?

— A Laurinha — decidiu Ernani, que sempre decidia tudo. — A Laurinha mesmo é que tem de começar!

Laurinha topou na hora:

— Está bem. Sou eu, então. Deixa ver... hum... Pronto, já pensei. Podem começar com as perguntas.

A turma sentou-se no chão, em volta de Laurinha, e a primeira a perguntar foi Maria Rosa:

— Essa coisa tem vida?

— Sim.

— Oba, isso elimina todos os objetos! — exclamou Ernani. — Já temos uma boa pista. Se tem vida, ou é gente ou é bicho!

— Você pensou em gente ou em bicho? — perguntou Xexéu, achando que estava sendo muito esperto ao evitar o uso do verbo *ser*.

— Ah, assim não dá! — reclamou Laurinha, procurando fazer o pessoal respeitar as regras do jogo. — A sua pergunta tem de ser feita de um jeito que eu só possa responder “sim” ou “não”!

— Então, tá bem: essa coisa pensa como gente?

— Não.

Leo adivinhou o que todo mundo já tinha adivinhado:

— Se tem vida e não pensa como gente, então é bicho, não é?

— Errou, Leo! — lembrou Laurinha. —

Você usou o verbo *ser*!

— Espere aí, Laurinha, não me tire do jogo! — pediu o

menino. — Eu só estava pensando em voz alta. Ainda não fiz a pergunta.

— Tá bom, vá lá, pergunte.

— Hum... Esse bicho mia?

— Ai, ai, Leo! Se você for tentar descobrir a palavra pelo barulho que o bicho faz, vamos levar o dia todo! Mas, de qualquer modo, não mia, não...

— É cachorro? — arriscou o Toco.

— Não! Errou, Toco!

— Ah, ah! O Toco está fora do jogo! —
riu Leo.

Toco ficou vermelho e calouse.

— Tem pelo? — perguntou Suelen.

— Não.

— Tem pena? — era a vez de Maria Rosa.

— Não.

Xexéu tentou completar a série:

— Tem olho?

— Ora, Xexéu! É claro que tem olho —
brincou Maíra. — Onde já se viu bicho sem olho?

Nesse momento, um garoto aproximava-se da roda. Seus olhos passeavam pelo grupo e ele sorria, divertindo-se com a brincadeira.



Laurinha achou que era o garoto mais bonito que já tinha visto na vida. Falava-se de um novo aluno na 5ª B. Seria aquele? Como se chamava?



2.

O nome era Adriano

— Posso entrar nesse jogo? — perguntou timidamente o recém-chegado.

— Po-pode... é claro que pode... — gaguejou Laurinha.

Os “olhos ambulantes” do novo garoto pareciam observar tudo mais ou menos, mas Laurinha achou que, diretamente mesmo, eles estavam olhando só para ela.

— Esse bicho nada? — perguntou o garoto, com aquela coisa de olhar firme dentro dos olhos dela.

— Hum...?

Laurinha recebeu aquele olhar como se o olhar tivesse tocado de verdade o seu rosto. Como uma carícia. Ficou meio sem jeito e respondeu:

— Não... não nada...

— Voa? — continuou o garoto.

— Se voa? Sim...

Maíra olhava de Adriano para Laurinha e de Laurinha para Adriano. Sorria de leve e não dizia nada.

— Hum... — raciocinava o garoto. — Se voa e não tem penas, não é pássaro. Se voa e não tem pelo, não é morcego. Então, ficamos só com os insetos, não?

— S-sim...

— O Adriano disse *insetos*! — gritou Leo. — Se a palavra que a Laurinha pensou não for *insetos*, o Adriano tem de sair do jogo!

— Ei, espere aí! — defendeu-se Adriano. — Eu não usei o verbo *ser*!

Todos começaram a discutir se a pergunta do recém-chegado valia ou não. Laurinha nem quis saber da discussão. O novo garoto também não parecia muito interessado em ter ou não razão. Os olhos dos dois agarravam-se no ar e não se desgrudavam.

Adriano, dissera Ernani. O nome daquele desconhecido era Adriano... Adriano!

Por fim, ficou decidido que a pergunta do rapaz valia e que ele podia continuar na brincadeira.

— Inseto! — continuou Maíra do ponto em que tinham parado. — Tem tanto inseto que vai ser impossível descobrir que bicho é esse!

— É... — apoiou Suelen. — Tudo o que é inseto voa...

— Menos as formigas. Formiga não voa! — palpitou Toco, que se esquecera da regra de ficar calado.

— Formiga voa, sim. Pelo menos as rainhas, quando saem do formigueiro para formar outro, voam, sim — informou Patrícia, que era incrível em Ciências. — São as içás.

— Ora... — Toco fez cara de envergonhado pelo “fora” que acabara de dar. — E cupim? Cupim é inseto e não voa. Cupim é aquela minhoquinha branca que fica só lá roendo os móveis, roc-roc...

— Mas que roc-roc que nada, Toco! — gozou Maria Rosa. — Cupim também tem içá, feito formiga. Você não vê, no verão, quando anoitece e vem aquela porção de bichinhos voando em volta das lâmpadas? Aquilo tudo é içá de cupim!

O Toco estava ainda mais vermelho, de tanto dar fora. Mas, assim mesmo, veio com mais um:

— E aranha? Vai me dizer que aranha voa?

— Não voa porque não é inseto, seu bobo! — brincou Patrícia. — Aranha é aracnídeo!

— Araque-o-quê?

— Aracnídeo. Como o escorpião.

— Você está inventando! — protestou Toco, irritado. — Inventando palavra difícil só pra gozar com a minha cara, Patrícia!

— Fique quieto, Toco! — ordenou Ernani, que não queria ver os amigos brigando. — Ninguém está gozando você!

— Vamos parar de falar em bicho asqueroso e continuar com a brincadeira? — propôs Maíra, ajudando a acabar com a discussão.

— Isso! — apoiou Ernani. — Vamos às perguntas. Esse inseto tem veneno? Faz mal às pessoas?

— Que pica as pessoas com veneno ou que transmite doenças? — devolveu Laurinha. — Não para o veneno e *nããã* para o perigo.

— Esse inseto voa desde que nasce? Voa a vida toda? —
continuou Adriano.

— A vida toda? — Laurinha sentiu avermelhar-lhe o rosto.

— Oba, isso sim é que é pista! — gozou Leo. — Que pergunta
mais boba!

Adriano sorria, de braços cruzados, sem desviar os olhos de
Laurinha. Nem ligou para a gozação do Leo e esperou calmamente
pela resposta.

— Você quer dizer como as formigas e os
cupins? — prosseguia Laurinha. — Não... não
voa a vida toda...

O sorriso de Adriano abriu-se mais um
pouco e ele declarou, com ar de triunfo:

— Então, Laurinha, lá vai... Você acha lindo
esse inseto?

— Eu... acho lindo, sim...

— Esse inseto gosta de flores?

— É...

— Esse inseto nasce como uma lagarta?

— Sim...

— E só depois vira... *borboleta*?

Laurinha sorriu sem jeito e falou, com um fio de voz:

— A-acertou, Adriano. Eu pensei mesmo em borboleta...

Maíra riu alto, como se *borboleta* fosse a palavra mais engraçada
do mundo.





3.

Ele estava pensando... nela ?

— O Adriano adivinhou a palavra! — encerrou Maíra. — Então agora é ele quem pensa outra!

Adriano sorriu, com seu jeito meio tímido:

— Está bem. Já pensei. Podem perguntar.

— É borboleta? — perguntou Toco.

Leo caiu na risada:

— Ah, Toco! Como você é boboca!

— O Toco está fora de novo!

— Deixe ele, Ernani — propôs Laurinha. — Se a gente tirar o Toco da brincadeira toda vez que ele der um fora, ele nunca mais vai brincar!

E o Toco continuou na brincadeira, mesmo com todo o seu desliga-mento.

— Eu pergunto primeiro! — recomeçou Maíra. — O que você pensou tem vida?

— Sim.

— Pensa? — continuou Suelen.

— Sim.

— Pronto, já sabemos que é gente — concluiu Ernani. — Essa pessoa está morta?

— Não.

— Que bobagem, Ernani! — riu Leo.

— Bobagem, por quê? O Adriano podia estar pensando em algum personagem histórico, por que não?

Patrícia procurou situar melhor:

— Essa pessoa já está velha?

— Não.

Foi a vez de Maria Rosa:

— Nasceu no Brasil?

— Sim.

Suelen:

— Faz barba?

— Não.

— Ora, Suelen! — brincou Maria Rosa. — Você acha que com essa pergunta descobre se é homem ou mulher? E se for uma criança, um menino que ainda não tem barba?

— Então eu pergunto de outra maneira: essa pessoa usa o banheiro masculino?

— Ah, ah! Não, não usa.

Ernani achou um jeito complicado de perguntar sem usar o verbo *ser*:

— Já sabemos que é mulher. Estamos falando de uma criança?

Adriano fez uma careta:

— Hum... mais ou menos... Não é mais criança, né?

Laurinha até aquele momento não tinha feito nenhuma pergunta.

Com as orelhas pegando fogo, mas tentando sorrir, perguntou:

— Estuda na nossa escola?

Adriano encarou novamente a menina e sorriu de volta:

— Sim...

— Essa é boa! — admirou-se Ernani. — E agora? Tem um milhão de meninas nessa escola!

— Um milhão nada! Um milhão não tem nem na cidade inteira! — corrigiu Xexéu.

— É um modo de falar, Xexéu, poxa!

Laurinha achou que já tinha adivinhado. Mas não conseguia falar.

Suelen coçou a cabeça:

— Hum... agora fica difícil. Quem disser algum nome e errar sai da brincadeira...

— Ora, não é preciso dizer nenhum nome — palpitou Patrícia. — A gente vai perguntando de acordo com o jeito de cada aluna, até adivinhar!

— É isso! — concordou Toco. — Já sei o que perguntar. Essa menina está de uniforme?

— Ai, ai, Toco! Isso é pergunta? — riu Maria Rosa. — *Todos nós* estamos de uniforme!

Ernani continuava:

— Ela estuda na nossa classe?

— Na *sua* classe? — devolveu Adriano. — Acho que sim...

— Oba! Ficou mais fácil — Suelen estava excitada. — Na nossa classe só tem doze meninas!

— Está aqui no pátio? — perguntou Maíra.

— Sim...

— Na nossa roda? — continuou Maria Rosa.



— Sim...

— Já sei! É a Maíra! — berrou Toco.

— Fique quieto, Toco!

— Não, não é a Maíra — respondeu Adriano.

Maíra riu de um jeitinho estranho, como se soubesse muito bem por onde andava o pensamento de Adriano:

— Ah, ah! É claro que não é em mim que o Adriano está pensando!

As alternativas resumiam-se agora a quatro meninas: Patrícia, Suelen, Maria Rosa e... e Laurinha!

Não só ela, mas todos do grupo — menos o Toco, é claro! — sabiam agora que era só perguntar detalhes fáceis: uma usava tranças, outra era negra e Laurinha... Bom, ela era a única que tinha um cabelo com uma cor maluca como aquela. Confusa, sem saber por quê, a menina sentia dentro de si a certeza de que Adriano havia pensado justamente nela. Nela!

O próprio Adriano tentou quebrar o seu silêncio:

— E então, Laurinha?

Laurinha baixou os olhos e disse:

— Então eu acho que é...

— Quem? Vamos, fale, Laurinha! — incentivou Ernani. — Você tem uma chance em quatro! Ou é a Suelen, ou a Maria Rosa, ou a Patrícia ou... você mesma!

O rosto da menina estava em brasa:

— Acho que...

— Ora, fala logo, Laurinha! — Maíra parecia estar se divertindo a valer. — Todo mundo já adivinhou!

Nesse momento tocou o sinal e a brincadeira foi encerrada pela balbúrdia dos alunos correndo para as classes e por dona Iracema, que tentava inutilmente conseguir alguma ordem.

Laurinha subiu as escadas sentindo uma coisa nova. Algo que ela jamais havia sentido antes. Por que o simples fato de um menino pensar em seu nome numa brincadeira fazia seu coração pular tanto dentro do peito?

4.

Um susto e chuva forte

A chuva deu uma piorada no final da manhã. Tentando caber debaixo do mesmo guarda-chuva, Laurinha e Patrícia voltavam para casa juntas, pois moravam bem pertinho uma da outra.

— Você viu, Laurinha? Esse Adriano? Que gatinho, hein?

— Hum...? É, sim...

— E você viu que ele não tirava os olhos de mim?

Laurinha sobressaltou-se como se tivesse levado um susto:

— De *você*? Co-como?

— Você não notou? — continuou Patrícia, que não tinha percebido a surpresa de Laurinha. — Ah, eu fiquei até sem jeito! O garoto ficava me olhando a toda hora, assim, de um jeito que nem sei...

Dentro da capa plástica, o frio parecia aumentar de repente, enregelando Laurinha:

— Olhando pra você, é?

O que era aquilo? O que estava acontecendo? Adriano não tinha tirado os olhos de... de Patrícia?! Mas Laurinha tinha pensado, o tempo todo, estava certa de que era *nela* que o olhar do garoto estava interessado... Ai, mas que ilusão boba! Então... então queria dizer que o nome que Adriano tinha pensado era "Patrícia"? *Não* era Laurinha?

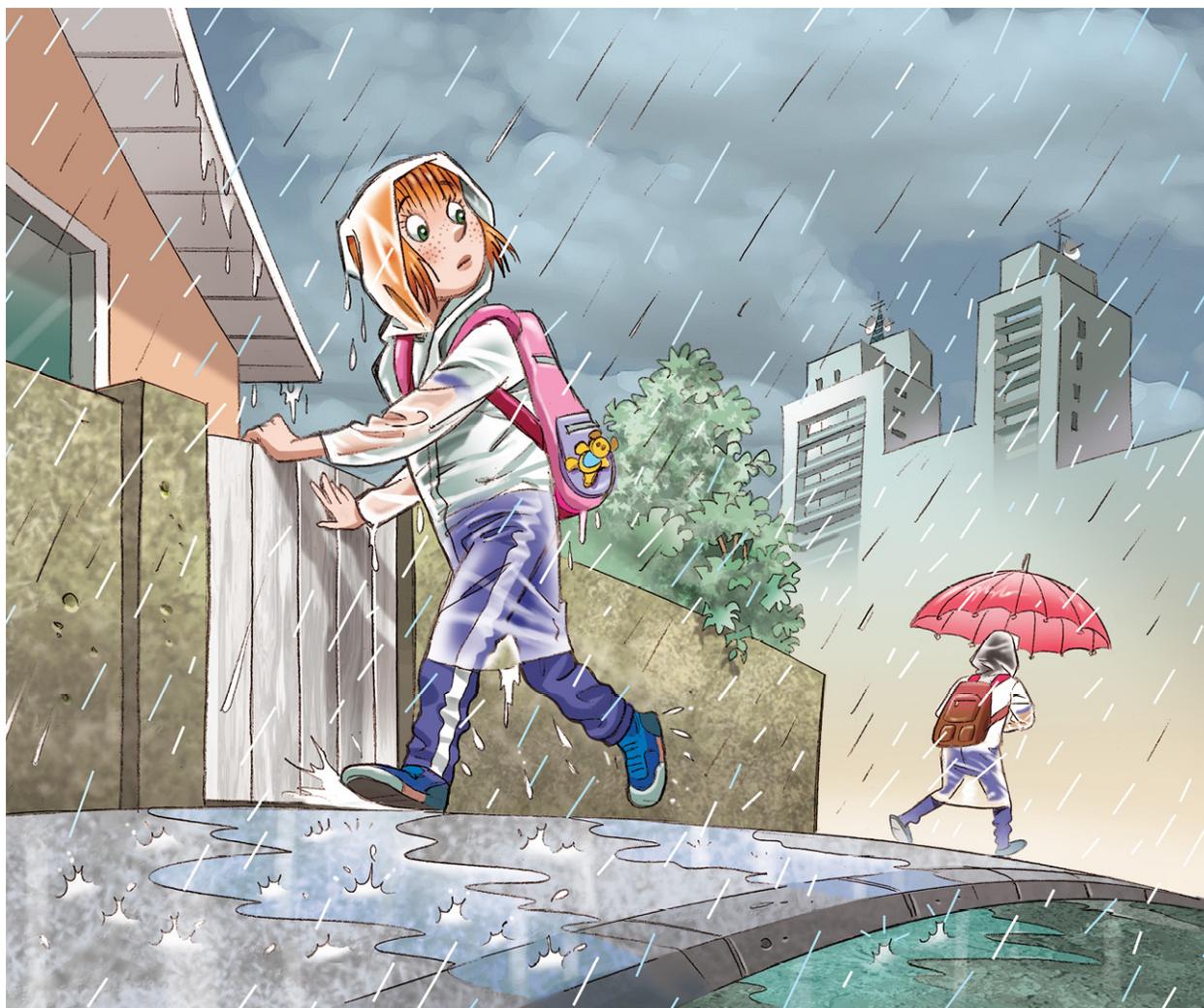
Excitada, a amiga não parava de falar:

— Olha aqui, Laurinha, se ele está a fim de mim, eu estou mais ainda a fim dele. Vou dar um jeito de ficar com ele nem que... Puxa, mas o meu pai é tão careta! Como é que eu vou arranjar um jeito de a gente se encontrar fora da escola?

O queixo de Laurinha tremeu. Pela primeira vez na vida, um garoto tinha conseguido se infiltrar em seu coração. Mas ele estava de olho em outra...

— Ah, eu vou ficar com esse gato! — decidia Patrícia. — Isso eu vou!

O vento inclinava a chuva e o guarda-chuva não dava conta. Quando Laurinha chegou em casa, estava toda encharcada.



5.

Olhos de papel

— Atchim!

Nem o banho quente tinha conseguido afastar o resfriado que a chuva parecia ter provocado em Laurinha.

No quarto, esticou-se de bruços sobre o tapete, do jeito que mais gostava, na companhia de seus papéis e seus lápis de cor. Seu pensamento, porém, não se fixava no que seus dedos faziam, segurando os lápis. Nele, a presença insistente de um garoto tudo ocupava. De memória, os traços do rosto do menino viravam traços no papel. Ali, no desenho, Adriano sorria para ela. *Só* para ela!

Seus desenhos! O passatempo de Laurinha, desde que se entendia por gente...

Lembrava-se de quando era pequena, lá pelo fim do pré ou começo da primeira série. Tinha achado que podia ganhar dinheiro vendendo desenhos. A experiência foi divertida, pelo menos era a lembrança orgulhosa da mãe, pois sua filha havia tentado conseguir dinheiro para comprar-lhe um presente. Uma bolsa, que agora era a coisa mais querida da mãe, que a exibia a todas as visitas.

Quantos anos tinha Laurinha naquela ocasião? Uns seis, talvez... Ou cinco...

Agora, o tempo havia passado e seu talento com os lápis não podia comprar o olhar de Adriano como se compra uma bolsa. Ora, Adriano podia olhar para quem bem entendesse!



Mas, ainda assim, por que ela se sentia tão triste? Se um menino novo na escola tinha se metido na brincadeira, isso não deveria perturbá-la. Então, por que ela se sentia tão triste? Se tinha sido boba o suficiente para achar que os olhos de Adriano só procuravam os dela, em vez de notar que o que eles buscavam mesmo era o rosto de Patrícia, esse era um engano que poderia ser esquecido.

Apesar disso, por que Laurinha sentia-se vazia por dentro?

Tudo tinha sido apenas um momento, um garoto simpático, um desconhecido que deveria ser fácil de deixar pra lá, no meio de tantos alunos da escola.

Se era assim, por que ela estava tão triste?

Bem, deveria ser por causa do resfriado.

Em sua mão, o lápis desenhava olhos bonitos, fixos na desenhista. Não eram de verdade. Eram olhos de papel. Aqueles olhos, pelo menos, olhariam para onde a menina quisesse...

6.

Como são feitos os livros?

No dia seguinte, o resfriado ainda não tinha sarado e Laurinha teve de faltar às aulas.

Que pena! Justo naquele dia, uma famosa autora de livros infantis ia visitar a escola. Laurinha tinha lido uma porção de livros dessa autora e adoraria poder conhecê-la. Era uma escritora craque em aventuras, mas que sabia como ninguém contar histórias românticas, de garotas apaixonadas.

Laurinha estava apaixonada? Mas, por tão pouco! Só alguns minutos no recreio, um garoto que paquerava sua amiga com o olhar, um garoto que... Puxa, que garoto bonito era aquele Adriano!

Imaginou o pátio lotado, com os alunos espremidos debaixo do galpão, sentados no chão de cimento, olhando para a mesa que só aparecia em dia de festa, bem debaixo da tabela de basquete, coberta com uma toalha branquinha e rendada, uma jarra d'água em cima, um copo e um vasinho com violetas. Aquela era a conhecida decoração de "receber escritor".

Na hora das perguntas, Laurinha sabia que algumas seriam infalíveis:

- "É muito difícil escrever um livro?"
- "Qual foi o seu primeiro livro?"
- "Qual o livro que você mais gostou de escrever?"
- "Alguém incentivou você para essa carreira?"

E a menina riu sozinha lembrando-se daquela vez em que Toco tinha perguntado a um autor:

- Quantos livros mais ou menos o senhor já escreveu?
- Eu já publiquei quatorze livros.

Toco tinha pensado um pouco e continuou:

- Mas como é possível?
Na minha classe tem mais de



trinta alunos e cada um comprou um livro!

Aquele tinha sido mais um dos famosos “foras” do Toco, que achava que um autor escrevia com as próprias mãos um a um cada exemplar do livro que chega aos leitores. O pobre nunca tinha ouvido falar em gráficas, com suas máquinas de impressão que eram capazes de reproduzir um mesmo livro milhares de vezes em poucas horas.

Para falar a verdade, o “fora” poderia ter sido da própria Laurinha, que também nunca tinha ouvido falar nisso de fabricar um livro. Uma mesma história, reproduzida igualzinha, milhares de vezes! Como seria? Ela sonhava poder um dia descobrir aquele mistério...

Que pena! Dessa vez, ela não estaria lá, na primeira fileira, na fila do gargarejo, observando como a escritora se viraria para responder à curiosidade dos alunos. Qual seria a nova pergunta boba do Toco?

Blim, blom!, tocou a campainha da casa, despertando a menina de

seus pensamentos. A mãe tinha ido ao supermercado. Laurinha levantou-se do tapete e correu para abrir a porta da sala.

7.

A prima apaixonada

— Oi, prima!

— Cristina, que surpresa!

Era sua companheira desde a primeira infância, a prima quase da mesma idade, a querida Cristina.

— Resolvi dar um pulo pra ver como você estava, Laurinha. Ouvi minha mãe falando no telefone com a sua, dizendo que você estava doente e...

— Doente? Doente coisa nenhuma, Cristina. É só um resfriadinho de nada!

Logo as duas estavam no quarto de Laurinha, de porta bem fechada, rindo e colocando-se em dia uma com a vida da outra.

— Ai, Laurinha! Que pena que você não mora no meu bairro, para a gente estudar juntas, na mesma escola! Você precisava conhecer a turma de lá! Tem uma menina que...

E assim corria a conversa, cheia de tititis e risadinhas, cheia de fofocas e confidências, até que Cristina veio com a grande revelação:

— Sabe, Laurinha? Acho que eu estou na-mo-ran-do!

— É mesmo?!

A conquista do primeiro namorado vinha sendo a conversa recorrente entre as duas primas já há algum tempo. Nas noites em que uma dormia na casa da outra, pegavam no sono exaustas de tanto falar no assunto. Qual das duas seria a primeira? A primeira a ficar com algum garoto, a primeira a passear no *shopping* de mãos dadas com um menino que pudesse ser chamado de na-mo-ra-do?

— Menina... — Cristina fazia suspense, corando de excitação. — Eu *fiquei!*

— É mesmo?

Ficar... As duas falavam demais nisso, mas Laurinha não se preocupava muito, não. Que as coisas viessem como viessem, a seu

tempo. Mas a menina corou ao lembrar-se de que a ideia tinha passado com força por sua cabeça ao conhecer Adriano.

— O apelido dele é Dico. Você precisava ver que gato!

Cristina saltitava pelo quarto, gesticulava, descrevendo os lances incríveis de sua primeira “ficada” de verdade. Os últimos feriados, quinze dias atrás, tinham fornecido a ocasião e o lugar:



— A gente foi pra Praia Grande, na Semana Santa.

O tempo, o mar, tudo estava demais. Mas você precisava era conhecer a turma que a gente encontrou lá! Tinha um gordinho, o Caco, um piadista de marca maior! Tinha a Valéria, que se maquiava e botava perfume até pra ir à praia. Tinha a...

Cristina foi desenrolando uma a uma todas as emoções daquele fim de semana prolongado. Até chegar ao “fabuloso” Dico:

— Nem te conto, Laurinha, nem te conto! Já estava ficando de noite, aquele ventinho gostoso, o pessoal andando pela

areia...

Os olhos de Laurinha brilhavam, excitados com a descrição da prima, que abraçava os próprios ombros, rebolava, contorcia-se, como se fosse preciso usar todo o corpo para contar sua história.

— E o melhor, Laurinha, o melhor é que ele é daqui! E a gente está telefonando um para o outro. Telefonando! Logo que der um jeito, vamos sair juntos. Mas você sabe, não é? Você sabe como é a minha mãe... Mas outro dia, quando mamãe tinha saído, eu fiquei mais de duas horas falando com ele no telefone! Você precisava ouvir as coisas que ele diz. Ai, as coisas que o Dico diz!

De repente, Cristina parou suas evoluções e lembrou-se:

— Como é que eu ia esquecendo? Eu tenho uma foto!

Cristina correu para a bolsa e de lá tirou a foto. Laurinha estava junto, ansiosa pela revelação do primeiro garoto da vida de sua prima.

— Veja, Laurinha, aqui está a turma toda. O Dico é esse aí, do meu lado...

Como?! O que era aquilo? Laurinha sentiu o quarto girar, sentiu-se tonta, como se estivesse na Casa Maluca do parque de diversões.

— Não é uma graça, o Dico?

Na foto, um grupo de jovens amontoava-se na areia. Lá estava Cristina, de biquíni, rindo como riam todos, cada um tentando parecer mais palhaço para o fotógrafo. De um lado da prima estava um garoto rindo feito bobo, de aparelho nos dentes. E, do outro, lá estava... *Adriano!*

— Veja só que gato, Laurinha...

Era inconfundível. Lá estavam aqueles olhos bonitos, aquele mesmo sorriso que havia derretido Laurinha. Lá estava Adriano, a conquista sensacional da sua prima! Cristina tinha ficado *de verdade* com Adriano, que agora fazia telefonemas de duas horas para ela, combinava encontros no *shopping* e, ao mesmo tempo, paquerava sua amiga Patrícia no pátio do colégio nas manhãs de chuva... Lá estava Adriano, lá estava o primeiro garoto que havia se infiltrado no coração de Laurinha. Um garoto que se insinuara como amor, mas que agora se demonstrava como desilusão...

Dico... Esse deveria ser o apelido de Adriano, não? Estava claro. Adriano, Dico, tudo era a mesma coisa, o mesmo garoto. O Dico da Praia Grande, conquistando Cristina, e o Adriano da escola, paquerando Patrícia.

Laurinha lembrava-se de sua emoção, de sua ilusão...

Não disse nada. Em seu coração, uma dor. Em seu pensamento, a certeza de que teria de lutar para apagar a emoção, a ilusão... e a dor.



8.

As coisas se complicam

Blim, blom!

De novo a campainha.

— Quem será agora? Espere um pouco, Cristina...

Laurinha correu para a sala e abriu a porta para mais uma visita: Patrícia.

— O que houve, Laurinha? Por que você faltou hoje?

Amiga de verdade, Patrícia abraçou a colega e ficou aliviada ao saber que tudo não passava de um pequeno resfriado.

— Puxa! Até parece que eu estou no hospital, recebendo visitas! — brincou Laurinha, lembrando-se de quando tinha sido internada para operar as amídalas. Sua avó e duas tias tinham chegado ao hospital para visitá-la e, na certa em troca de suas amídalas, vinham trazendo um livro de histórias, uma boneca e um quebra-cabeça. Só que a operada já estava pronta para ser levada para casa.

— Vamos para o quarto, Patrícia. Venha conhecer minha prima Cristina.

Laurinha levou a amiga pela mão, com o coração disparado: as duas conquistas de Adriano, juntas! E agora, como ia ser? Ela precisava dar um jeito, desviar a conversa dessa história de homens. Ai, como ia ser difícil!

Logo estavam as três de cócoras na cama de Laurinha, que tentava comandar a conversa:

— E aí, Patrícia? Como foi a visita da escritora? Ela é legal? Ai, eu adoro os livros dela! E o Toco? Qual foi o “fora” do Toco desta vez?

Patrícia riu e voltou-se para Cristina, procurando fazer com que a nova amiga avaliasse as companhias com que ela e Laurinha tinham de se haver na escola:

— Esse garoto é a farra da nossa classe, Cristina! É um desligado que só vendo!

Ai, ai, ai! Por que Laurinha tinha perguntado do Toco? Afinal, o Toco era um MENINO e as duas aproveitaram para fazer a conversa retornar ao mesmo assunto:

— O Toco é bonitinho. Até que ele é bem bonitinho, não é, Laurinha?

Nervosa, tentando escapar daquele assunto de “menino bonitinho”, Laurinha tentava mudar o rumo da conversa:

— E você? Conseguiu um autógrafo da escritora?

Mas Cristina voltava ao ponto perigoso:

— Ai, meninas, vocês precisavam é conhecer os garotos da minha escola! O problema é a minha classe, que só tem pirralho! Mas os meninos da oitava... Que gatos! Se me deixassem escolher, acho que eu ia querer ficar com pelo menos uma dúzia! Tem um, o capitão do time de futebol, que é demais! Falei com uma garota que ficou com ele e...

A tagarela da Cristina às vezes deixava as outras duas falarem e Patrícia veio com a novidade que tinha sido a principal razão da visita à Laurinha: Adriano.

— Cristina, aposto que a Laurinha não te contou ainda o máximo que aconteceu ontem: a gente conheceu um novo aluno, o Adriano. Lindo que você nem calcula! Pois não é que o garoto veio justo para o meu lado, cheio de olhares, de sorrisinhos? Uma paquera descarada, menina! Não foi, Laurinha?

“Ai, ai, ai!”, sobressaltava-se Laurinha, em pensamento. “Essa Patrícia só pensa nisso?” e puxava a conversa para outro lado:

— Hum? É... E a aula de Matemática? A professora deu muito exercício?

— E hoje no recreio, então? — continuou Patrícia, sem ligar para a pergunta sem graça. — Pena que você teve de faltar, Laurinha. A primeira

coisa que eu fiz quando desci para o pátio foi dar um jeito de chegar no Adriano e...

Apavorada, Laurinha forçava a barra:

— É que eu acho que estou precisando de nota em Matemática...

Patrícia nem ligava, escapando e voltando à sua ideia fixa:

— Lá estava o gatinho, com aquele sorriso de comercial de pasta de dente, me vendo chegar... Hum... Sabe o que eu fiz? Eu inventei na hora, meninas, na hora, vejam que loucura! Peguei uma lata de refrigerante na cantina e cheguei para o Adriano, perguntando se ele não queria abrir pra mim...

Ria, excitada, como deveria ter estado naquele momento do recreio, e continuava narrando a sequência, com os dois caindo na gargalhada e Adriano sacando o anel da latinha com a maior facilidade.

— Ah, daí eu insisti para o Adriano tomar o primeiro gole e ficamos assim, um gole cada um, um dele, um meu, um dele, um meu... Ai, eu sentia os lábios dele na beirada da latinha quando chegava a minha vez... Era como se ele me beijasse!

Laurinha tremia, se exaltava e continuava inventando saídas:

— Você bem que podia ter pedido um autógrafo da escritora para mim, não é, Patrícia?

Cristina também escapava das tentativas de mudança daquele assunto e punha mais lenha na fogueira:

— Hum, Laurinha, pelo jeito sua colega está mais que apaixonada! Disso eu entendo, Patrícia, disso eu entendo! Ouça só o que me aconteceu no feriado, na Praia Grande...

Que horror! Cristina agora ia falar de Dico, do *mesmo* Adriano! As tentativas de Laurinha de desviar o rumo da conversa não estavam tendo muito resultado e a menina pôs-se de pé, num salto. Nervosa, convidou:

— Vocês querem um lanche, meninas? Vamos para a cozinha?

O convite foi aceito e Laurinha continuava tentando mudar o assunto, já falando nervosamente:

— Teve matéria nova hoje, Patrícia? O que a professora de História deu hoje?

— Mas que professora de História, Laurinha? — protestou Patrícia.
— Você acha que deu para eu prestar atenção às aulas depois de um recreio inteirinho bicando o mesmo refrigerante com o Adriano?

— Mas... — Laurinha tentava justificar suas perguntas. — É que eu...



— É assim mesmo, Patrícia — reforçou Cristina, que nessa história de paixões mostrava-se a mais experiente. — Eu também estou como você, apaixonada. E, nessas horas...

“Ai! Agora a coisa vai ferver!”, e Laurinha cortou, ansiosa:

— Alguém quer suco de laranja?

— Quando a gente está com um garoto — continuou a prima, sem nem ouvir a oferta —, ai, é como se não tivesse mais nada na Terra, é como se...

— Vocês querem bolo de cenoura? — oferecia Laurinha, com o coração aos pulos. — Eu prefiro bolo de chocolate, vocês sabem, mas minha mãe adora fazer bolo de cenoura.

— Menina... — suspirava Patrícia, sem ligar para as tentativas de Laurinha. — Eu sei bem o que é isso, Cristina. Ontem, a gente estava fazendo uma brincadeira no recreio, por causa da chuva, sabe aquela brincadeira de adivinhar palavras? Pois eu

nem conseguia prestar atenção com aquele gatinho ali, na minha frente, esticando um olho comprido pro meu lado... Eu acho até que acabei dizendo besteira...

— Fazer bolo de cenoura é bem fácil, vocês sabiam? — insistia Laurinha, com as mãos tremendo, enquanto abria e fechava a geladeira, com estrondo, pegando o que encontrava e colocando tudo em cima da mesa da cozinha, na esperança de atrair a atenção das duas. — Até eu já aprendi a fazer bolo de cenoura. Querem que eu ensine a receita? Olha, primeiro você cozinha bem as cenouras e bate no liquidificador. Depois...

Mas as duas nem ouviam as tentativas nervosas de Laurinha...

— Ai, Patrícia, se esse seu Adriano deixou você de boca aberta, você devia então era conhecer o meu Dico. Aquilo sim é que é namorado! Pois a gente vai namorar, eu já te contei?

— Olha que legal! — Laurinha quase gritava, batendo de novo a porta da geladeira. — Tem queijo-de-minas. Alguém quer que eu abra uma lata de pêssego em calda?

— Eu tenho de dar um jeito de ficar com o Adriano — suspirava Patrícia, sem desviar-se da prima de Laurinha. — E ele está a fim também, ora se está!

— Ai, mas onde é que a minha mãe escondeu o abridor de latas? — alvoroçava-se Laurinha, abrindo e fechando as gavetas do gabinete da pia.

— Ficar? — riu Cristina, com superioridade. — Vocês não sabem o que é *ficar* de verdade! Ai, numa praia gostosa, ao entardecer, um garoto como o Dico...

— Um garoto como o Adriano...

Laurinha já nem sabia o que fazer e oferecia qualquer coisa que encontrava na geladeira:

— Quer azeitona, Patrícia?

— Um gato como o Dico...

— Você gosta de sucrilhos, Cristina?

— Ai, a carinha do Adriano...

— E uma gemada? E se eu bater uma gemada?

— Ai, os lábios do Dico...

Desesperada, a oferta de Laurinha veio aos berros:

— ALGUÉM AÍ QUER BERINJELA?!

9.

Ele nunca seria seu...

As duas amigas já tinham ido embora quando a mãe de Laurinha chegou cheia de sacolas e não gostou nem um pouco da confusão armada sobre a mesa da cozinha.

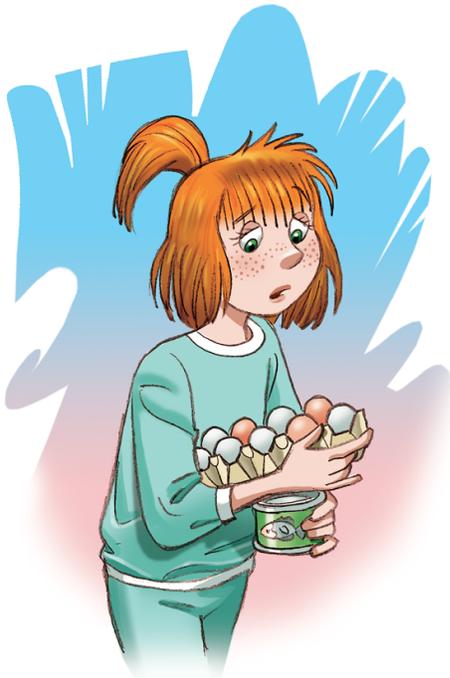
— O que você ia fazer com esses ovos, minha filha? E por que você abriu essa lata de atum?

— Deixa que eu arrumo tudo, mãe...

A tarde tinha dado um trabalhão, mas Laurinha conseguira pelo menos prevenir uma tragédia maior: na excitação da conversa, Cristina se esquecera de mostrar a fatídica foto para Patrícia.

Adormeceu exausta, pensando na alegria de Cristina e de Patrícia com suas conquistas. As duas tinham saído a transbordar de felicidade e agora Laurinha afundava-se em preocupações: o que aconteceria se elas descobrissem que Dico e Adriano eram o mesmo garoto?

Laurinha sentia-se pequena, afundando-se dentro das cobertas. Sentia-se insignificante, incapaz de despertar a atenção de um menino tão maravilhoso quanto aquele Adriano. O garoto era de duas e não era de ninguém. E nunca seria seu...



10.

Uma imensa vontade de chorar

Patrícia passou pela casa de Laurinha na manhã seguinte e as duas foram juntas para a escola, como sempre faziam. A colega falava sem parar de como seria maravilhoso encontrar-se com Adriano novamente, do que faria para pôr lenha na fogueira do caso que se iniciava e Laurinha pensava que pelo menos era um alívio sua prima Cristina não estudar junto com elas.

Só Laurinha sabia que Adriano e Dico eram o mesmo garoto e portanto cabia a ela dar um jeito de nenhuma das duas ficar sabendo disso. Laurinha não queria ver ninguém triste, muito menos Cristina, sua prima, e Patrícia, sua melhor amiga.

O que ela haveria de fazer? Se o danadinho do menino continuasse com aquele jogo duplo, mais cedo ou mais tarde tudo seria revelado. E o que aconteceria?

Uma tragédia, seria uma tragédia!

— Ai, Laurinha! — planejava Patrícia. — E se a gente der um jeito de ir ao *shopping* só nós duas, sem mãe nem nada? Daí, se eu combinar com o Adriano e ele...

Eram planos e qualquer um poderia dar certo para que aquele namoro se iniciasse. Mas Laurinha não sabia o que responder. E se Cristina aparecesse no *shopping* justamente no dia em que Patrícia e Adriano estivessem por lá de mãos dadas, tomando sorvete do mesmo copinho?

Na entrada da escola, Maria Rosa pegou Patrícia pelo braço e levou-a para um canto, pois as duas faziam parte da mesma equipe do trabalho de Ciências e era preciso que uma mostrasse à outra o que tinha pesquisado.

Laurinha ficou para trás e.... foi nessa hora que Adriano apareceu.



— Oi, Laurinha...

Lá estava o garoto, com aquele olhar comprido que a menina tinha imaginado esticar-se especialmente para ela dois dias atrás.

Maíra chegou apressada. Passou pelos dois, olhou rapidamente cada um, sorriu e desapareceu no meio dos alunos que fluíam ruidosamente na direção de suas classes.

O problema é que o olhar parecia especial de novo e Laurinha tremeu, pensando que deveria tomar cuidado: se o danado, feito um conquistador de novela de televisão, tinha conseguido enrolar duas meninas fácil, fácil, por que não tentaria abocanhar mais uma? Ela precisava resistir.

— Oi, Dico — respondeu a menina, olhando desconfiada, de baixo para cima.

— O quê? Como você me chamou? Você sabe que meu nome é Adriano, não sabe?

Laurinha sorriu com o canto da boca, tentando levantar só uma das sobrancelhas, como tinha visto fazer uma atriz para representar cinismo.

— Eu sei de tudo, Adriano.

— De tudo? Que tudo é esse que você sabe?

O jeito do rapazinho era de derreter. Olhando sua expressão, ninguém diria que ele era um falso de marca maior. Ninguém diria, muito menos Laurinha. Mas a menina sabia da verdade.

— Não é nada. Nada não, Adriano... — balbuciou ela. — Eu tenho de ir para a classe...

O garoto tocou-a no braço.

— Ah, espera aí... Ainda faltam cinco minutos. Acho que a gente poderia conversar um pouco...

O toque delicado dos dedos de Adriano fez a pele da menina eriçar-se na hora, feito pele de galinha. Laurinha descobriu que não teria forças para resistir. Puxou o braço e decidiu sumir:

— Não dá para conversar... eu não quero... Tchau, Adriano... tchau, Dico...

— Dico? Por que você está me chamando assim?

Laurinha não ouviu o último protesto de Adriano. Já estava correndo para a classe, com uma imensa vontade de chorar.

11.

Um correio muito elegante

O dia seguinte era o esperado sábado, quando haveria a quermesse no pátio da escola. Os alunos tinham se envolvido totalmente nos preparativos daquela festa e todo mundo esperava um bom movimento e muitos lucros, que seriam destinados ao orfanato do bairro.

Laurinha, Maíra e Suelen faziam parte da equipe da professora de Geografia, que tinha sido encarregada do Correio elegante.

As três estavam preparadas para fazer sucesso na quermesse, com um coraçãozinho pintado com batom em cada bochecha e um avental branco, também cheio de corações vermelhos.

A professora deu a elas as últimas instruções junto com três cestinhas e vários blocos de papel, cada folha com os mesmos corações atravessados pelas flechas de Cupido.

As instruções eram simples: as três deveriam percorrer as mesas oferecendo os papéis. Quem quisesse paquerar alguém, ou simplesmente fazer uma brincadeira anônima, escrevia o que quisesse e colocava o papel numa das cestinhas das “mensageiras do amor”, junto com uma moedinha de qualquer valor. A moeda iria para a caixa do orfanato, e o bilhete, que elas chamavam de “torpedo”, seria entregue discretamente à pessoa indicada, que, se quisesse responder, tinha de escrever outro bilhete e pagar mais uma moedinha.

Patrícia chegou toda arrumada, maquiada e perfumada. A primeira coisa que fez foi procurar Laurinha, antes de assumir seu posto na barraquinha das argolas:

— Logo que o Adriano chegar, não se esqueça de me avisar, hein? Quero ser a primeira a mandar um torpedo pra ele!

— Está bem, Patrícia...

Cristina morava em outro bairro, e Laurinha tinha dado um jeito de “esquecer” de convidá-la para a quermesse. Laurinha estava livre

pelo menos de um novo encontro entre as paqueras de Adriano.

A noite estava bonita, os alto-falantes transmitiam as músicas da moda e o público esperado chegava sem parar. Vinham famílias inteiras, dos avós aos netos, todo mundo disposto a consumir pastéis, refrigerantes, sanduíches, espigas de milho cozido, pipoca, bolos confeitados e bilhetes do Correio elegante. A quermesse prometia ser um sucesso e, na certa, seria possível levantar um bom dinheiro para ajudar na reforma do orfanato.

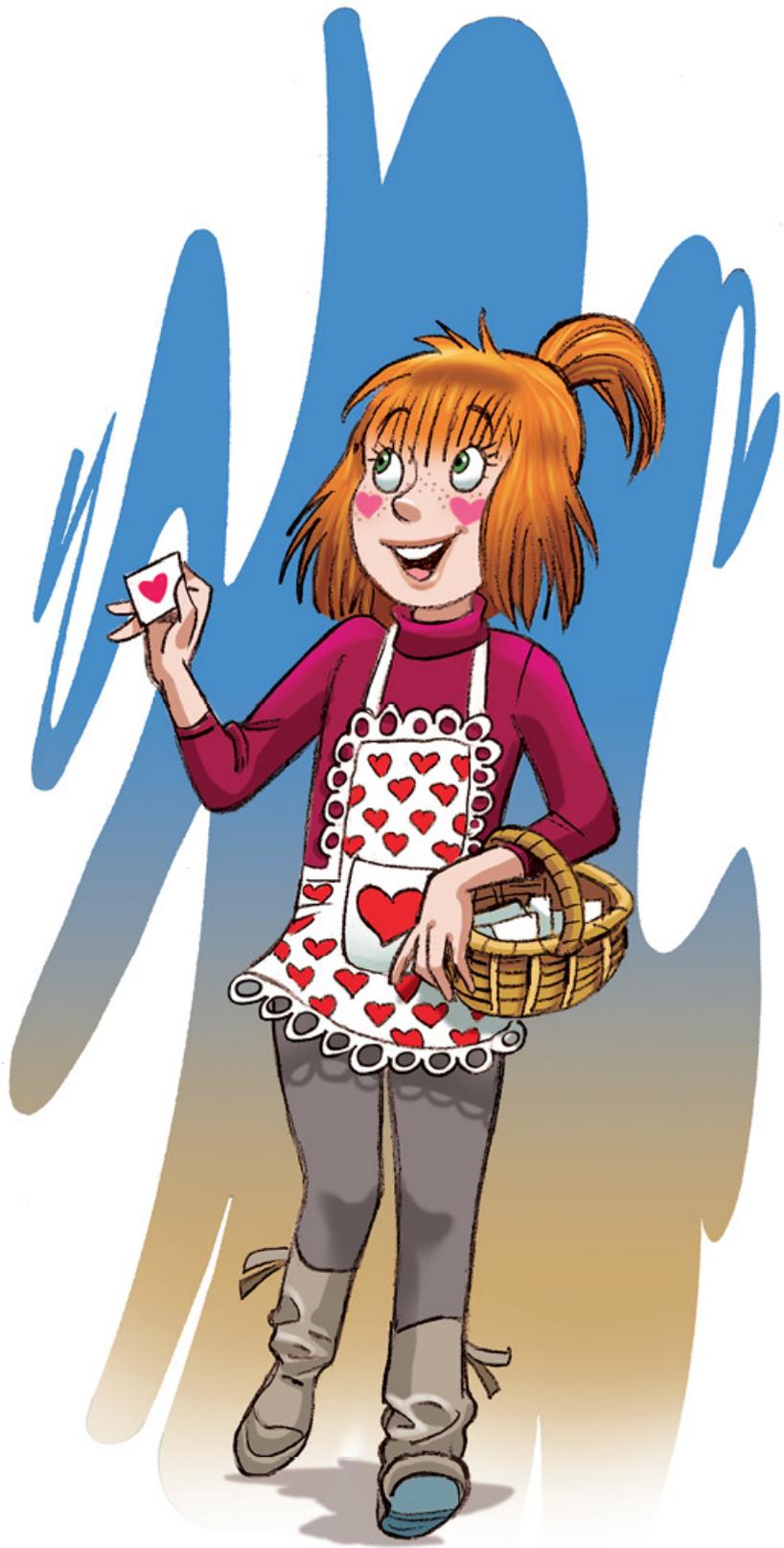
As três colegas circulavam entre as mesinhas, sem parar de sorrir e incentivar a compra dos “torpedos” do Correio elegante.

— Correio elegante, olha o Correio elegante!

Chegou a mensageira do amor! Quem vai mandar um torpedo para a sua paquera? Custa só uma moedinha, pessoal! Vamos colaborar?

Laurinha estava procurando os destinatários de quatro bilhetes quando seus olhos descobriram Adriano. Estava lá no muro da igreja, quase no fim da quermesse, rindo e conversando com um grupo de colegas. E estava lindo, com um blusão preto de gola levantada, feito galã de filme de motociclismo.

Pronto! Agora Laurinha tinha de procurar Patrícia e avisá-la da chegada do garoto. Mas, naquele instante, Maíra vinha passando e deixou-lhe um bilhete na mão:



— Este é para você mesma, Laurinha... Ih, ih, ih!



Era comum as mensageiras do amor também receberem bilhetes. Tudo fazia parte da festa. Laurinha desdobrou o papelzinho:

*Gracinha de mensageira,
Você sabia que Cupido é um anjinho
encarregado de levar as cartas de amor
dos namorados? Mas desta vez há alguém
a fim da própria mensageira...
Será que Cupido pode ser flechado?
Cavaleiro Negro*

A menina gostou da brincadeira, mas não teve muito tempo para pensar em responder, porque o comércio de “torpedinhos” do Correio elegante ia de vento em popa. Parecia que uma metade das pessoas estava a fim de paquerar a outra metade usando as cestinhas das três mensageiras.

Como tinha prometido, Laurinha foi avisar Patrícia da chegada de Adriano. A amiga estava cercada de crianças que jogavam argolas tentando encaixá-las em gargalos de garrafas para ganhar um ursinho de pelúcia.

— Já chegou? Me dá um papel, me dá logo, vai! O que é que eu vou escrever? Ai, estou tão nervosa... Me ajuda!

Patrícia destruiu três papéis até conseguir decidir-se. Laurinha pegou o torpedo e deu umas três voltas em torno das mesinhas, antes de dirigir-se para o muro da igreja onde estava o grupo de rapazes.

Além do Toco, que era da sua classe, lá estavam alguns alunos da quinta B: o Tomás, o Lucas, o Nivaldo e é claro que lá estava Adriano, com seu blusão de couro preto. Laurinha estava certa de que sua voz não sairia se ela tentasse dizer alguma coisa ao rapaz ao entregar-lhe o bilhete de Patrícia. Mas ela era uma mensageira do amor. Tinha de usar de todo o seu charme e levar os cinco meninos a tirar dinheiro do bolso para ajudar o orfanato.

12.

Quem será o Cavaleiro Negro?

— Chegou a mensagem do amor! Quem vai ajudar o orfanato? Quem quer mandar um “torpedo” para uma gatinha? Essa quermesse tem tantas gatas que daqui a pouco o sino da igreja vai até miar!

Por que seu coração disparava daquele jeito só de aproximar-se de Adriano? E por que sua mão tremia tanto ao estender o torpedo de Patrícia para ele? Certamente deveria ser por causa do frio daquele mês de junho.

Laurinha baixou os olhos, evitando o olhar profundo do garoto.

— Oi, Laurinha... Você está linda com esse avental...

Laurinha não respondeu e sorriu para os outros rapazes do grupo:

— Alguém mais quer paquerar? O orfanato precisa de cada moeda que vocês puderem dar. Vamos lá, pessoal!

Toco pegou um dos papéis, dobrou-o sem escrever nada e depositou-o na cestinha, colocando junto duas moedas. Não estava a fim de paquerar ninguém, mas não queria deixar de colaborar com a reforma do orfanato.

— Obrigada, Toco.

— Eu quero dois papéis...

Era Adriano. Enquanto falava, também deixava cair duas moedas no cesto de Laurinha.

Novamente sem encará-lo, a menina entregou-lhe o pedido.

— O que eu quero é uma lembrança desta noite, Laurinha...

Pegou os dois papéis, um em cada mão, e, num repente, levou-os até o rosto da menina, apertando-os contra suas bochechas e carimbando os papéis com os corações em batom pintados para a festa.

Laurinha sentiu-se corar. Na certa estava tão vermelha quanto o batom que lhe pintava as faces.

Voltou-se e correu para o centro do pátio da igreja, falando alto e vendendo as alegrias de sua tarefa:

— Correio elegante! Correio elegante! E aí, tio? Não quer colaborar?

Trabalhava incansavelmente, procurando não olhar para os lados do muro. Aos poucos, o coração, que ficara engasgado em sua garganta com o gesto de Adriano, voltou para o lugar e a menina ia conseguindo tantas moedas que já estava no terceiro bloquinho de papel.

Com seu charme, conseguia a colaboração até dos pais e chegou a receber um bilhete, desta vez junto com uma nota de cinco, de um vovô, que aproveitava para paquerar a esposa a seu lado, uma alegre senhora de cabelos totalmente brancos.

Maíra chegou-se novamente e estendeu outro bilhete para a colega:

— Mais um pra você, Lau-rinha!



Outro "torpedo"? De quem seria agora? Laurinha desdobrou o papel e lá estava de novo o paquerador misterioso:

*Lindo Cupido,
Pensei em você durante toda a semana.
Será que você também pensou em mim?
Espero sua resposta...
Cavaleiro Negro*

De repente, foi como se o barulho da música alta e de tanta gente falando e rindo se aquietasse e uma música suave invadissem o ar frio da noite.

Cavaleiro Negro? Adriano estava de blusão preto. Seria ele?

Laurinha sentiu-se tonta. Por que Adriano tinha de ser um paquerador irresponsável? Por que ele não podia paquerar somente ela? Por que tinha de querer todas as meninas que conhecia? Por que Patrícia? Por que Cristina? Por que não só *ela*?

Laurinha continuou seu trabalho, com o coração amedrontado pela possibilidade de aquele garoto causar sofrimento à sua prima e à sua amiga. Não quis pensar que seu coração palpitava por seu próprio sofrimento: Adriano morava dentro dele e ela não sabia como fazê-lo sair de lá.



13.

Confusos sentimentos

Aquele seria um fim de semana cheio. Depois da quermesse de sábado, com tanta emoção e trabalheira, havia o aniversário de Maria Rosa, no fim da tarde de domingo.

Laurinha acordou cedo. Seus pais aproveitavam o domingo para esticar o sono e ela foi para a sala, ainda de camisola. Estendida no sofá, desdobrou os papezinhos que tinha recebido na véspera. Dezoito bilhetes! Todos do tal Cavaleiro Negro, que devia ter doado uma porção de moedinhas para a quermesse.

— Será que esse Cavaleiro Negro está a fim de mim? — pensava ela em voz alta, como se alguém que não estivesse interessado nela fosse perder tempo escrevendo dezoito bilhetes.

Releu um por um. Embora eles não estivessem numerados, ela lembrava-se perfeitamente da ordem em que os tinha recebido, sempre trazidos pela Maíra. Os primeiros eram do tipo brincalhão, meio gozadores, como são todos os “torpedos” escritos para a brincadeira do Correio elegante. Aos poucos, o tom das mensagens ia mudando, tornando-se mais sério. O Cavaleiro Negro parecia estar propondo mesmo um namoro de verdade.

Laurinha não havia respondido nenhum bilhete. Durante a quermesse, imaginava e reimaginava quem poderia ser o autor das mensagens. Perguntar para a Maíra nem adiantava, porque uma das regras do Correio elegante é a mensageira do amor nunca revelar quem lhe passou um bilhete. Às vezes ficava certa de que era mesmo Adriano. Depois o Celso, da sexta, tinha vindo com umas brincadeiras para o seu lado, e ela “descobriu” que o Cavaleiro Negro era o Celso. Em seguida foi levar um bilhete para o Nivaldo e novamente Adriano passou a ser o principal suspeito... Ah, como ela iria adivinhar?

Patrícia havia mandado mais dois “torpedos” para Adriano, mas, até o final da festa, nenhum deles tinha sido respondido. Patrícia

estava bem chateada, Laurinha notava isso, mas disfarçava muito bem.

Bom, pelo menos naquela tarde de domingo haveria um descanso. Maria Rosa na certa só havia convidado os colegas de sua classe. Ufa! Desta vez, Adriano não estaria lá, para confundir seus sentimentos.



14.

Ficas nessa?

Não, que nada: aquela tarde de domingo não daria um descanso para os sentimentos da pobre Laurinha: na última hora, a danada da Maria Rosa tinha convidado Adriano! E era justamente ele que estava mexendo no aparelho de som quando a menina chegou à casa da amiga.

Tremeu mais uma vez — ai, ela estava farta de tanto tremer cada vez que botava os olhos naquele garoto — e foi tremendo que entregou à Maria Rosa o presente que havia trazido.

— Oba, este eu ainda não li! — exclamou Maria Rosa, ao desembulhar o livro que Laurinha trouxera. — Obrigada, Laurinha!

— É uma história romântica, Maria Rosa. Daquele escritor que você tanto gostou. Lembra daquele livro do final do ano passado? Aquele que a professora de Português adotou? Você vai adorar!

— É claro que vou! Adoro histórias românticas. O que eu não gosto é dessas historinhas policiais que os meninos vivem lendo...

Adriano parecia meio desenturmado, teimando em ocupar-se com os discos. Afinal, ali não havia nenhum colega de sua classe, não é? E, além disso, fazia tão pouco tempo que ele tinha sido transferido para aquele colégio!

“Pobre Adriano, tão sozinho...”

Patrícia tentou chegar-se para o lado do garoto, mas Maíra pegou-a pelo braço e afastou-a dali.

— Laurinha, ajude o Adriano a escolher as músicas — propôs Maria Rosa. — Os meus discos você conhece muito bem, não é? São só aqueles mesmos. O resto foram as meninas que trouxeram. Vamos botar um som de agitar o pessoal, hein?

A boca de Laurinha abriu-se e ela fez uma força danada para não parecer uma boba, ali, no meio da sala, tremendo na frente de todo mundo. Lentamente, aproximou-se do rapaz e do aparelho de som.

O garoto sorriu, daquele jeito meio tímido com que ela também deveria estar sorrindo.

— Este conjunto é bom, Laurinha? — perguntou ele, falando bem baixinho. — Já me falaram deste grupo, mas nunca ouvi nada deles...

Como ela iria explicar-se depois para Patrícia? Isso não se faz, não é, ficar grudada justo com o paquera de sua melhor amiga, bom, se alguma garota fizesse aquilo com ela, se ficasse de caso com um rapaz em quem ela estivesse de olho, Laurinha achava que nunca mais na vida falaria com essa garota, e Patrícia era sua melhor amiga, ai, como estava bonito Adriano naquela tarde, ela não podia fazer uma coisa daquelas com Patrícia, logo com Patrícia, mas que perfume delicioso o Adriano estava usando, devia ser uma daquelas colônias masculinas, Patrícia ia acabar chorando de raiva, que calorzinho gostoso ficar ao lado dele, como é que ela ia conseguir pedir desculpas à Patrícia depois, que voz macia tem esse menino, e se a Cristina ficasse sabendo, será que até com a prima ela haveria de romper, mas que delícia ficar juntinho com Adriano...

— Vamos brincar de “Gostas dessa”?

A proposta arrancou Laurinha do louco devaneio em que seus pensamentos encavalavam-se, inebriados pela presença quente daquele garoto. Nem havia percebido que o tempo passava, que a festa corria solta e que ela não tinha saído de perto de Adriano um só minuto.

— Vamos brincar de “Gostas dessa”? — repetia Michele.

— Que brincadeira é essa? — perguntou Xexéu.

— Minha avó que ensinou. É assim: uma pessoa do grupo fica de costas para as outras. Daí tem um perguntador que aponta para qualquer um dos outros e pergunta “Gostas dessa?” O perguntado pode dizer que gosta ou que não gosta. Se disser que não gosta, o perguntador aponta para outra pessoa. Se disser, que gosta, o perguntador continua: “Então, o que você dá pra ela? Um beijo, um abraço ou um aperto de mão?”

— Nunca ouvi falar dessa brincadeira! — confessou Suelen.

— É antiga. Minha avó diz que é de Portugal.

— E daí? Como continua?

— Ora, se o perguntado disser que dá um beijo, daí tem de dar um beijo mesmo, na frente de todo mundo!

— Ah, não vai dar certo! — riu o Ernani. — E se alguém quiser aproveitar a brincadeira para dar um beijo numa garota, mas o perguntador tiver apontado justo para um homem?

— Vai ter de dar um beijo no garoto, ora essa! Aí está justamente a graça da brincadeira!

— Ah, ah! Essa é demais! — concluiu Leo. — Imagina se eu ia beijar um homem! Eu não!

Maíra estava de pé, daquele jeitinho dela, toda excitada, jeito de quem está acostumado a liderar o grupo:

— Pois acabo de inventar uma brincadeira melhor ainda. É a “Ficas nessa?”

Os amigos riam, comentavam, davam palpites e todos queriam saber como era a invenção da Maíra:

— É o seguinte: a gente faz duas filas, uma de meninas e outra de meninos, sentados no chão, uma fila de costas para a outra. Eu fico no meio e comando a brincadeira. Daí eu ponho a mão no ombro de uma pessoa de uma fila e aponto para outra pessoa da outra e pergunto “Ficas nessa?”. Se a pessoa disser que fica, então eu digo quem foi que escolheu quem, e o casal vai ter de ir para o jardim e ficar de verdade!

— O quê?!

— Essa é boa!

— Que loucura!

— Eu, hein?





A confusão tomou conta da casa da Maria Rosa. A proposta da Maíra era coisa de doido e todos queriam ver no que ia dar aquilo. Depois de muita discussão, a ideia de Maíra foi aperfeiçoada. Em vez da mão no ombro, seriam usados dois bonés, um azul e outro vermelho, para formar os pares. Maíra, como tinha proposto desde o início, comandaria o jogo.

Laurinha estava sobressaltada. Nunca tinha ficado com ninguém e achava que aquela ideia maluca de Maíra ia acabar dando problema. O que a amiga pretendia? Pensou em pedir para ficar de fora, mas não teve coragem.

Numa confusão de arrepiar os adultos, que felizmente estavam vendo tevê no andar de cima e tinham deixado a sala livre para a festa de aniversário da filha, as filas foram se formando, às custas de ordens da Maíra, risadas de todos e gozações de todo tipo.

— Ei, Toco, sai pra lá! — dizia Suelen. — Essa é a fila das meninas!

— Senta aqui, Michele. Tem um canto aqui!

— Não empurra, Leo!

Quando as filas já estavam mais ou menos organizadas, Maíra alertou:

— Todo mundo tem de ficar olhando pra frente, hein? Se eu notar que alguém está trapaceando, eu tiro da brincadeira! Todos entenderam as regras? Quando vocês ouvirem que alguém disse “sim”, podem se virar pra ver qual foi o casal formado. Mas só no “sim”, tá bem?

— Certo!

— Começa, Maíra!

Maíra ficou entre as duas filas, com os dois bonés. Olhou para os amigos e viu que as coisas não estavam ainda como deveriam ser:

— Assim não vai dar. O melhor é vocês taparem o rosto, senão vai dar para perceber pra que lado eu estou indo. A decisão tem de ser às cegas, senão a brincadeira não vai ter graça!

— Tapa a cara aí, Toco!

— Tape a sua primeiro, Ernani! — ordenou Maíra. — Deixe que eu vejo quem não está brincando direito!

De pé entre as duas filas, acompanhada por risinhos abafados, Maíra procurou andar o mais sorrateiramente possível. Para prolongar a gozação, colocou o boné azul na cabeça do Toco e pendurou o boné vermelho num abajur.

— Garoto de boné azul... — começou ela, também se esforçando para não cair na gargalhada — ... quer ficar com a garota do boné vermelho?

— Sim! — respondeu o menino.

As duas filas se desfizeram e a confusão novamente se estabeleceu quando descobriram a brincadeira da Maíra.

— Ah, ah! O Toco vai ficar com o abajur!

— Ah, Maíra! — protestou o menino. — Assim não dá! Gozação, não!

Por mais alguns minutos, tudo ficou fora de controle. Aos poucos, as filas foram se refazendo e Maíra prometeu fazer tudo a sério daquela vez.

Com o rosto tapado, Laurinha sentiu um boné pousar-lhe sobre a cabeça. Ai, Maíra tinha escolhido justamente ela! E quem estaria com o boné azul?

— Garota do boné vermelho... — Maíra perguntava lentamente, para fazer suspense. — ... quer ficar com o garoto do boné azul?

Sem pensar, sem saber por quê, a voz de Laurinha saiu forte, saiu firme, como se soubesse o que estava dizendo:

— Sim!

O grupo levantou-se feito torcida na arquibancada quando sai um gol. Ela torceu o corpo e, do outro lado, viu o garoto que estava com o boné azul:

— Adriano!

Foi uma gritaria geral. Os garotos davam tapas nas costas de Adriano, Suelen veio por trás de Laurinha e a empurrou:

— Vai, Laurinha! Agora você vai ficar de verdade!

— Ah, ah! A Laurinha vai ficar com o Adriano!

— Fica! Fica! Fica!

— Aí, Adriano!

Laurinha pôs-se de pé. Desta vez não estava vermelha de vergonha. Estava pálida de pânico.

— Eu... eu...

Recuou um passo. Suelen e Michele tentaram segurá-la pelo braço. Ela desvencilhou-se num arranco, virou as costas e saiu correndo da casa de Maria Rosa.

15.

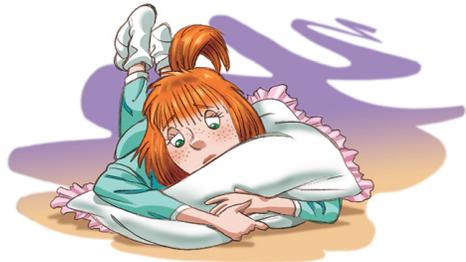
Sonhos loucos

Foi difícil conseguir dormir, ah, como foi difícil pegar no sono!

Não era daquela maneira que Laurinha queria Adriano. Para falar a verdade mesmo, a verdade interior da menina, ela nem sabia direito *como* queria aquele garoto. Durante os últimos dias tinha lutado para compreender o que a existência de Adriano havia causado em sua alma, enquanto seus sentimentos mais ternos dividiam-se com a lealdade às suas "rivais": a prima Cristina, com seu Dico, e a amiga Patrícia, com seu Adriano e os golezinhos de refrigerante no recreio.

Laurinha nada fizera para conquistar Adriano. No mesmo dia em que o havia conhecido, tinha recuado para deixar livre o espaço para sua amiga Patrícia.

Mas desta vez... Ai, que brincadeira louca tinha sido inventada pela Maíra! E por que da boca de Laurinha de repente tinha saído um "sim"? E se fosse Xexéu que estivesse com o boné azul? Ou Toco? Ou Ernani? Ou Renato? Será que ela queria ficar assim, com qualquer um, de qualquer jeito? Será que a primeira vez em que ficaria a sós com um garoto seria daquele jeito, por causa de uma brincadeira boba?



Filha única, sem irmãos ou primos próximos, Laurinha só muito recentemente tinha descoberto de verdade que o outro sexo existia e deveria ser conquistado. Mal tinha saído das histórias de fadas para as novelas românticas e agora acontecia com ela uma confusão que seu coração não sabia resolver, por mais apressado que continuasse batendo.

Ela estava certa de que não poderia mesmo ter aceitado a continuação da brincadeira. Se tivesse, na certa Patrícia nunca mais falaria com ela e, no caso de Cristina, Laurinha achava que até poderia acontecer um problema com a família: imaginava a tia e a

mãe discutindo, com ela no centro, como uma criminosa em julgamento.

Lembrava-se o tempo todo, não conseguia apagar da memória a expressão de Adriano, com o bonezinho azul, a olhar para ela com um jeito de quem também não está entendendo nada e não sabe o que fazer.



O que seria de Laurinha agora? Como enfrentar a classe inteira no dia seguinte? Ai, ela não queria chorar na frente de todos! Ai, Adriano, por que esse menino tinha de ter aparecido em sua vida?

O sono veio, afinal, com sonhos loucos nos braços de Adriano, no escuro do jardim da casa de Maria Rosa. Vagalumes salpicavam de lanterninhas as copas escuras das árvores. Quando Adriano ia abraçá-la, Laurinha descobria que os vaga-lumes eram os olhos dos amigos, espiando o namoro dos dois e rindo, e gozando a timidez da menina.

Acordou suada, em sobressaltos. Já estava na hora de levantar-se para ir à escola.

Debaixo do chuveiro, Laurinha desejou que aquela água quentinha apagasse tudo o que tinha acontecido na festa.

16.

Abra os olhos, sua boba!

A segunda-feira foi um jogo de gato e rato.

Laurinha foi o rato, primeiro fugindo do gato Patrícia. Saiu de casa minutos antes da hora, rompendo a combinação de todos os dias, que era esperar pela amiga na portaria do prédio, para irem juntas para a escola.

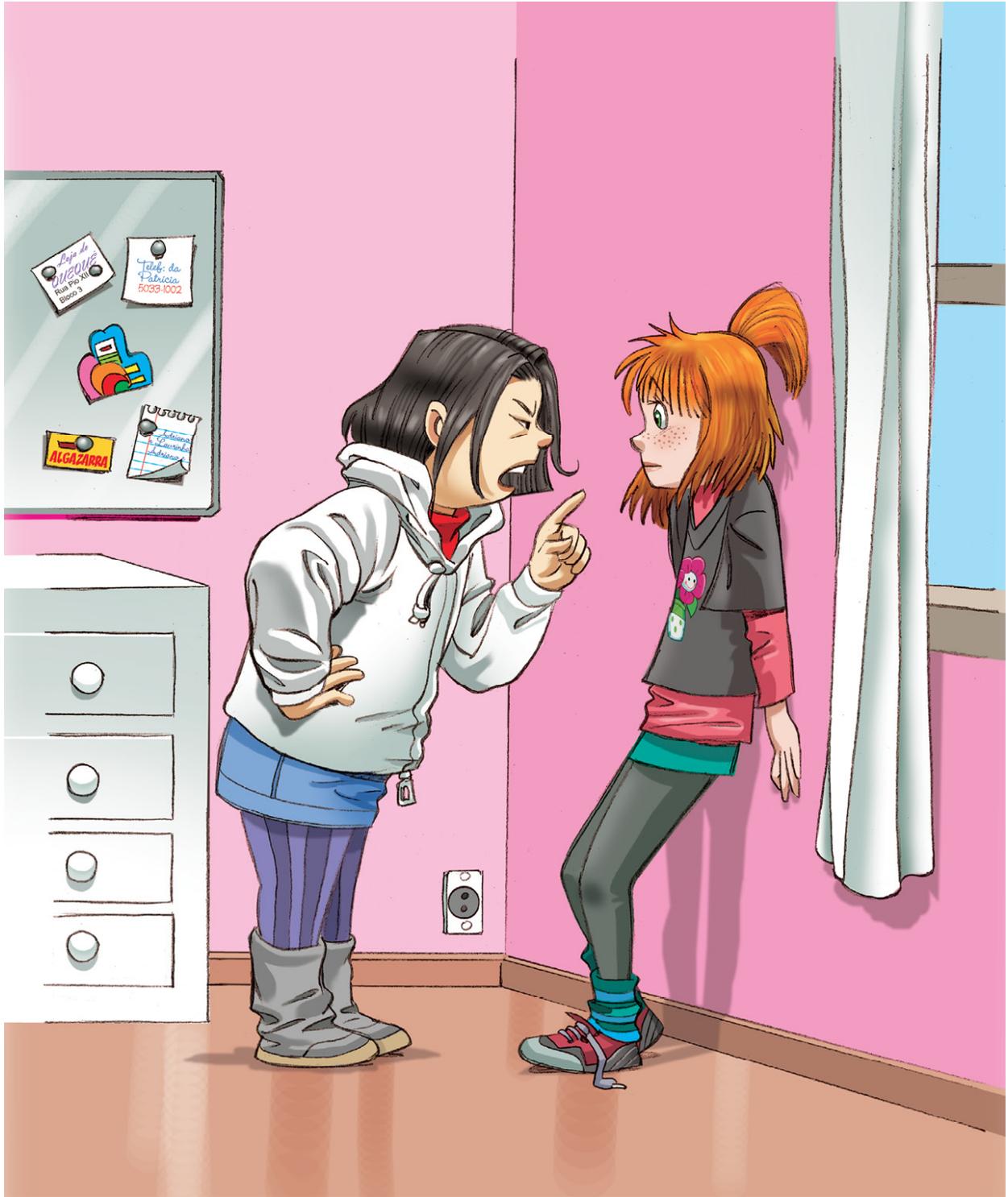
Em seguida continuou sendo o rato, e o gato dessa vez foi Maíra. Durante a manhã inteira, a amiga tentara uma conversa particular com Laurinha, mas a menina conseguia fugir de todas elas.

Nas carteiras logo atrás dela, Suelen e Michele cochichavam. Não dava para entender direito, mas era alguma coisa sobre Maíra, que parecia ter feito um discurso maluco depois da fuga de Laurinha, exigido não se sabe o que dos amigos, combinado coisas que ela nem queria saber quais fossem.

Durante as aulas, mal conseguia prestar atenção nos professores, porque agora uma nova ameaça rondava seus projetos de fugir indefinidamente do problema: aquela era a última semana de aulas, as provas de meio de ano já estavam concluídas e, no dia seguinte, haveria uma excursão liderada pelos professores de Geografia e de Ciências. Uma excursão de todas as quintas séries! E o que ela poderia fazer para ficar invisível dentro de um ônibus, junto com toda sua classe e... junto com Adriano?

Continuou fugindo, fugindo de tudo e de todos. Quando tocou o sinal de fim das aulas, agarrou a mochila e saiu mais uma vez correndo, para não ter de ir para casa junto com Patrícia.

Mais tarde, porém, não conseguiu mais fugir, pois o gato apareceu na casa do rato. Era Maíra. E trazia uma expressão séria, feito adulto, feito gente sisuda que quer tirar a limpo alguma coisa malfeita por uma criança:



— Laurinha, o que está acontecendo?

Fecharam-se no quarto da menina e a amiga não aceitava nem que Laurinha a interrompesse:

— Deixe eu falar! Agora você vai ter de ouvir, Laurinha. Pensa que eu não estou de olho em você desde a semana passada, no dia do jogo das palavras? Você ficou de boca aberta o tempo todo quando Adriano apareceu. E ele não tirou os olhos de você nem por um segundo!

— De mim? — protestou Laurinha. — Na hora eu achei isso também, mas a Patrícia disse que...

— Ora, a Patrícia! Essa menina está viajando nas estrelas! Só pensa em homem e acha que todos estão a fim dela!

— Mas, no dia que eu faltei, ela ficou tomando refrigerante com o Adriano, na mesma latinha! Você acha isso normal?

— Quem lhe disse isso? Ela mesma? Pois saiba que quem estava com ela era eu e a danadinha bem que chegou-se a Adriano, pedindo para ele abrir a latinha, oferecendo golinhos, toda cheia de dengues!

— Então? E ele?

— Ele estava querendo ir pra quadra, pra jogar futebol. Acho até que não quis ser mal-educado e deu um golinho fingido no refrigerante da Patrícia, antes de sair correndo atrás da bola!

— Mas a Patrícia disse que...

— A Patrícia anda vendo estrelas, Laurinha, como você!

— Mas eu não sei se Adriano está mesmo a fim de...

— De você? Ora, quem você acha que é o Cavaleiro Negro? Quem você acha que lhe mandou aquele montão de bilhetinhos? Fui eu que peguei cada um deles e já não aguentava mais o garoto perguntar se você ia ou não responder!

— Era ele? Quer dizer que...

— Chega de que isso, que aquilo! — Maíra já estava perdendo a paciência. — Adriano está tão a fim de você quanto você dele. Abra os olhos, sua boba!

— Mas...

— Por que você acha que eu mandei a Maria Rosa convidar o Adriano? Por que você acha que eu inventei aquela brincadeira maluca do "Ficas nessa"?

— Foi por minha causa?

— Claro! Só assim pra quebrar essa sua timidez! E ainda tive de dar uma prensa na turma pra que ninguém viesse gozar com a sua cara depois!

— Ai, Maíra...

— Adriano é um bobo igual a você. É tão tímido quanto você. Mas só um cego não vê que ele caiu na sua teia como um mosquitinho!

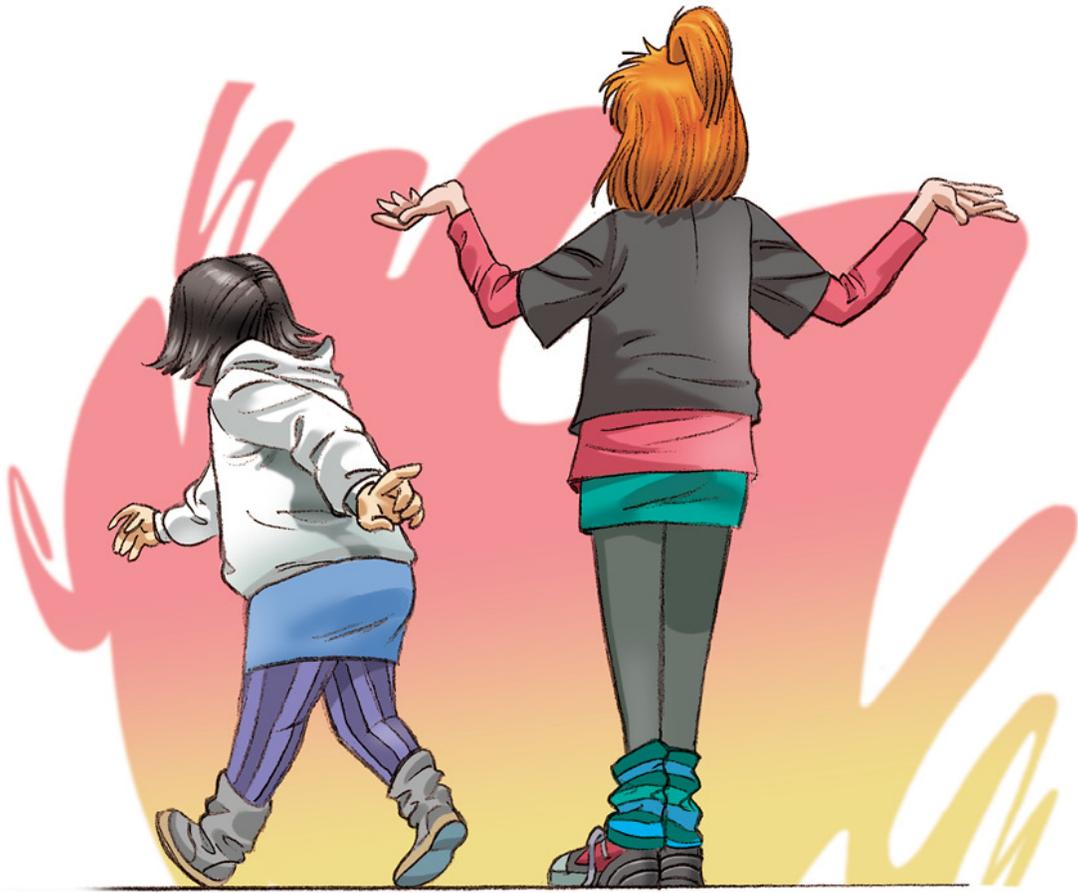
— Tem certeza? Mas o Adriano... Ele anda namorando a minha prima. Disso você não sabe. É a minha prima Cristina. Ela até me mostrou uma fotografia dos dois juntos!

Maíra estava de pé, com as mãos na cintura, enfrentando decidida a timidez da amiga.

— Bom, Laurinha, disso eu não sei nada mesmo. Mas agora você tem de tirar isso a limpo.

— Eu? Como?

— Por que você não pergunta direto pra ele?



17.

O “meucalipto”

A excursão foi em um lugar muito gostoso que combinava demais com um dia de inverno. Ficava a apenas uma hora da cidade, havia uma vastíssima reserva de floresta natural ao lado de um bosque de eucaliptos que parecia nunca mais acabar.

O sol brilhava forte. Não havia nem sombra de nuvem no céu, estava daquele jeito invernal em que faz um calorzinho gostoso sob o sol e o frio se esconde debaixo de todas as sombras.

Laurinha e Adriano estavam debaixo de uma dessas sombras. Tinham caminhado um tempão pelo bosque de eucaliptos, conversando com cuidado, ambos temerosos do que poderia acontecer, ambos adiando uma conversa mais séria, como num concurso para ver quem é mais tímido.

— Legal a quermesse, né?

— É...

— Olha aqui... — dizia o rapazinho, tirando alguma coisa do bolso do blusão. — Olha aqui os seus “carimbos”...

Adriano mostrou a Laurinha os papeizinhos com os corações borrados de batom.

— Puxa... Você guardou?

— É... guardei, sim...

Não era possível esperar mais. Laurinha pensou que Maíra estava com toda a razão. O que tinha de ser não podia esperar. Se Adriano e Cristina estavam namorando, ela precisava tirar isso a limpo, de uma vez por todas.

Com um fio de voz, olhando para o chão coberto de fiozinhos secos das folhas dos eucaliptos, ela perguntou:

— Você viajou na Semana Santa, Adriano?

— No feriado? Viajei, sim. Eu e meus pais fomos passar três dias no apartamento de um tio, na Praia Grande...

Na Praia Grande! Ai, Patrícia talvez estivesse exagerando, mas Cristina tinha dito a verdade...

— Na Praia Grande? Que legal... Uma prima minha também passou o feriado lá...

— Ah, é? Mas aquela praia é tão grande, tem tanta gente... Como é que ela se chama?

Era agora!

— Cristina...

E agora?

— Cristina? Tinha mesmo uma Cristina na turma da praia. Uma garota muito legal. Não desgrudava um minuto do Dico...

O quê?! Que Dico era aquele?

— Dico? Você conheceu um Dico?

— *Um* Dico? Bom, eu conheci *o* Dico. Um carinha nota dez. Tem uma fala gozada, pois acabou de colocar aparelho nos dentes...

Aparelho nos dentes!? Então o fatídico Dico era o menino que estava do *outro* lado de Cristina, na foto? Dico *não* era Adriano?

— Que coincidência, né, Laurinha... — continuava o garoto, que nem por sombras desconfiava da confusão que Laurinha tinha armado para si mesma — ... eu ter conhecido uma prima sua na praia...

Dico não era Adriano! Ah, agora o sol podia brilhar mais forte, o ar podia ficar mais leve, os eucaliptos podiam soltar seu perfume na direção do infinito, Laurinha podia voar!

Pegou a mão de Adriano, olhou-o nos olhos e encontrou coragem para perguntar:

— Adriano, naquele dia que a gente se conheceu...

— Sim?

— Naquele dia, a palavra que você pensou foi... foi *Laurinha*?

— É claro que foi... E, depois daquele dia, eu não consigo pensar em outra palavra...

— Ai, Adriano...



— Laurinha...

Agora de mãos dadas, continuaram caminhando lentamente, olhando-se profundamente, tremendo por uma emoção que agora não precisava mais de palavras, de explicações nem teorias. Pelo que sentiam, tudo se explicava por si mesmo. Uma nova maneira de viver o mundo abria-se para eles.

Os dois embrenhados, fazendo estalar gravetos e folhas secas sob seus passos macios. O sol filtrando-se por entre os eucaliptos e salpicando seus corpos de confetes de ouro.

Um repente aconteceu. Uma eletricidade no ar atraiu os dois. Pararam e seus corpos giraram lentamente, colocando-os frente a frente. Como se suspirassem, murmuravam um o nome do outro:

— Laurinha...

— Adriano...

O rapaz escolheu uma árvore. Um dos eucaliptos maiores, majestoso, comprido como um mastro em busca do céu. Tirou uma chave do bolso da jaqueta e começou a riscar a casca da árvore. Um coração. Com uma flecha atravessada. Dentro dele, com capricho, duas iniciais: A e L.

Ele e ela! Adriano e Laurinha. Dois namorados, unidos, para sempre!

O rapazinho voltou-se para Laurinha:

— Aqui está. Este não é mais um eucalipto, Laurinha. Agora, vai ser o "*seucalipto*"...

— O "*meucalipto*"...

O rosto de Adriano abaixou-se lentamente em direção ao da menina. Laurinha entendeu o que aquilo significava. Seria o carinho maior, com o qual terminam tantos filmes, tantas novelas, tantos livros, deixando no ar uma promessa de felicidade. Um selo de amor...

Laurinha ergueu o queixo e cerrou os olhos. Os lábios de Adriano pousaram sobre os dela, como um pássaro que chega ao ninho. Um beijo quente, úmido, intenso...

Uma onda de calor percorreu todo o corpo da menina. Fazia ferver o sangue, tremer o cérebro, explodir o coração. E ela entregou-se completamente, como se aquele fosse o último e o maior momento de sua vida...



Meu nome é Pedro Bandeira. Nasci em Santos em 1942 e mudei-me para São Paulo em 1961. Cursei Ciências Sociais e desenvolvi diversas atividades, do teatro à publicidade e ao jornalismo. A partir de 1972, comecei a publicar pequenas histórias para crianças em publicações de banca, até, desde 1983, passar a dedicar-me totalmente à literatura para crianças e adolescentes. Sou casado, tenho três filhos e uma porção de netinhos.

O primeiro amor de Laurinha era apenas uma citação do livro O mistério da fábrica de livros. *Se você já conhece esse "mistério", deve lembrar-se que, nele, a menina Laurinha, triste por achar que havia perdido seu primeiro namorado, o lindo garoto chamado Adriano, resolve que a história de seu primeiro amor deve ser registrada para sempre em um livro de verdade. E parte para conhecer todas as etapas da produção de um livro, desde a fabricação do papel, da criação do texto e das ilustrações até vê-lo prontinho nas livrarias.*

Pois, logo depois de seu lançamento, aconteceu que muitos leitores de O mistério da fábrica de livros começaram a escrever-me cartinhas, querendo saber desse tal livrinho e da história de Laurinha e seu primeiro namorado. Demorei um bom tempo, mas, afinal, consegui criar a história de amor que havia acontecido com a querida Laurinha. Aqui está ela. Foi escrita com emoção, com carinho. Afinal, as histórias de amor não se escrevem com os dedos batendo nas teclas do computador, não é? Sem usar as próprias emoções, ninguém consegue atingir a emoção dos outros...



Para Michelle, minha neta.

© Pedro Bandeira

1ª edição 1999

1ª edição digital 2013

ISBN 978-85-16-08769-2

Ilustrações: Osnei Rocha

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.modernaliteratura.com.br

DE ACORDO COM
AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bandeira, Pedro, 1942- .
O primeiro amor de Laurinha [livro eletrônico]
/ Pedro Bandeira ; ilustrações Osnei Rocha. --
1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2013. -- (Série
roda de histórias)

13 Mb ; ePUB
ISBN 978-85-16-08769-2

1. Literatura infantojuvenil I. Rocha, Osnei.
II. Título. III. Série.

13-02467

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5